

Sociologia e Terapia Comunitária Integrativa

Doutor em Sociologia (USP), terapeuta comunitário, escritor. Membro do Pólo Formador do MISC-PB/Movimento Integrado de Saúde Comunitária da Paraíba, e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental Comunitária da UFPB.

Rolando Lazarte

Interfaces de Sociologia e Terapia Comunitária¹

Para tentarmos perceber as relações entre estes dois termos, teríamos que ter uma noção clara do que sejam, de um lado, a sociologia e, do outro, a terapia comunitária. No entanto, por serem ambas, coisas em movimento, corpos de conhecimento e/ ou movimentos heterogêneos e contraditórios, em constante mudança, apenas poderemos ter alguns vislumbres, umas poucas intuições, e fazer algumas incursões nas interfaces de sociologia e Terapia Comunitária.

De um lado, do lado da sociologia, temos um corpo de conhecimentos diverso, complexo e contraditório, integrado por formas de pensar oriundas de distintas etapas da história da humanidade, voltadas para o ser social, o ser humano, a sociedade, nos seus diversos aspectos. Do outro, do lado da Terapia Comunitária, temos uma prática recente, com já mais de 22 anos de existência, oriunda do Nordeste brasileiro, e em expansão para outros países da América do Sul e para Europa e África. Nem uma nem a outra são neutras, nem poderiam ser. Tem propósitos, finalidades, objetivos, motivações.

Feitos estes esclarecimentos iniciais, necessários para construir o foco destas reflexões, passemos à interface essencial, objectual, referente ao ser, entre sociologia e Terapia Comunitária. Quanto à sociologia nos referimos a sociologia humanista que integra as contribuições da vertente compreensiva de Max Weber, desalienadora de Karl Marx e integradora de Émile Durkheim. Por outro lado, concebemos a Terapia Comunitária Integrativa, como um conjunto de formas de ser, fazer, pensar, e sentir, de agir e de estar no mundo, de se relacionarem as pessoas umas com as outras, consigo mesmas, com o ambiente, com o futuro, o passado, a história pessoal e grupal, a identidade, a memória, as raízes histórico sociais e os valores culturais. Ou seja, entendemos aqui a Terapia Comunitária como um fato social no sentido durkheimiano, ou, um fenômeno social total, no dizer de Gurvitch (1987)

Na interface que nos interessa, a da construção de saberes e práticas, visões de mundo e formas de relacionamento social, vamos nos ater aos estudos de, Durkheim (1974, 1983) Weber (2005, 2009) e Marx (1978, 1986). Quanto a Durkheim, remetemos os leitores a *“As regras do método sociológico”* (1974), quando o autor trabalha o conceito de consciência social e consciência coletiva como lugar das representações. Nesta análise, retomada em *“Da divisão do trabalho social”* (1983), as diferenças individuais no seio da sociedade mais abrangente, são vistas como elementos

¹ Sempre que diz “Terapia Comunitária”, há de se entender, neste trabalho, “Terapia Comunitária Integrativa”

dinamizadores, por vezes antecipadores de mudanças necessárias no todo social; Em relação a Weber remetemos a leitura de *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo* (2005) e *Economia e sociedade* (2009). No que diz respeito a Marx, a noção da contradição (na história, nas relações sociais, nas relações entre formas de consciência e de existência, entre exploração/alienação e emancipação) perpassa toda a sua obra.

Os propósitos ou finalidades da sociologia e a terapia Comunitária

Desde o seu começo, a sociologia se propôs a melhoria da condição humana. Embora tenha tido significados diferentes para cada uma das correntes principais do pensamento sociológico, a saber: a sociologia compreensiva de Max Weber, a sociologia dialética de Karl Marx, a sociologia orgânica de Émile Durkheim; existem coincidências essenciais com o que se propõe a terapia Comunitária, que é necessário rastrear com precisão.

Para Marx, o conhecimento do social deveria conduzir a uma sociedade sem classes, em que as pessoas, libertas de qualquer mediação, tivessem para si de volta o que lhes roubara a sociedade capitalista: sua própria essência, seu ser social, expropriado tanto pela estrutura econômica que separa os seres humanos e os contrapõe uns aos outros por interesses opostos e conflitantes, quanto pelas estruturas ideológicas (o Estado, a religião, as idéias dominantes, a falsa consciência ou consciência alienada).

Este tema é desenvolvido por Marx em vários de seus textos: *A ideologia Alemã*, (*Teses sobre Feuerbach*) (1986), *Para a Crítica da Economia Política* (1978), e *Sobre a questão judaica* (2010). A libertação da consciência seria possível pela eliminação das relações de propriedade e de produção que criam a ilusão de um mundo de objetos autônomo em relação aos seres humanos. A destruição deste “mundo da pseudo-concreticidade” é desenvolvida por Karel Kosik em *Dialética do concreto* (2000) e envolve uma ação ao mesmo tempo na consciência social e na existência social.

Na terapia comunitária, o que se busca é o retorno do indivíduo a si mesmo, o fim da alienação, e, nesse sentido, a convergência com o pensamento de Marx é total. Na terapia Comunitária este regresso do ser humano a si mesmo, esta des-alienação, ocorre, em parte, pela pedagogia de Paulo Freire, que restitui à pessoa o seu lugar no mundo, a sua autonomia e a sua auto-estima; as comunidades e os indivíduos recuperam-se para si a través de um reencontro consigo mesmos que se processa nas rodas da Terapia Comunitária, como parte da rede social. Esta des-alienação ocorre, também, porque na Terapia Comunitária a pessoa aprende a se ter de novo para si, independentemente dos papéis sociais que poderiam aprisioná-la. A “catividade no rol” é uma categoria sociológica que aqui nos convém mencionar. Refere-se à prisão da pessoa em papéis sociais. Isto fica claro nas formações, em que muitas vezes ouvimos alguém dizer: eu vivia para o meu marido e para os meus filhos, agora vivo para mim mesma.

Para Durkheim, a sociologia deveria ser capaz de trazer de volta a coesão social perdida com o fim da sociedade feudal, que introduzira a anomia na vida doméstica e econômica, política e social. Isto se repete em Comte, com outras nuances, na medida

em que o fundador oficial da sociologia diz que esta ciência deveria construir as bases científicas de uma sociedade na qual os indivíduos pudessem ser capazes de se verem a si mesmos sem ilusões de nenhum tipo, fossem teológicas ou metafísicas.

Para Max Weber (1944), a sociologia compreensiva era uma ferramenta que poderia e deveria descobrir na ação social a intervenção dos valores que a orientam e que a constituem como tal, na reciprocidade e complementariedade das expectativas, dando aos sujeitos da ação social, a capacidade para escolherem racionalmente o curso da ação.

Esta visão sumária dos eixos ou objetivos das principais correntes da sociologia, estabelece coincidências com os da terapia comunitária, em quanto recurso ou tecnologia de cuidado para a diminuição do sofrimento mental e revitalização ou criação de redes sociais, que recompõe o poder das pessoas e comunidades, a partir do reencontro com os próprios valores, a própria história, os objetivos que dão sentido à existência individual e social.

A terapia comunitária repõe, revitaliza, recria a sociabilidade normal, inata, genuína, do ser humano (LAZARTE, 2011). Temos estabelecido algumas inter-relações referentes aos objetivos, metas ou propósitos da Sociologia e da terapia Comunitária, mostrando a sua convergência. Resta examinar, agora, de maneira pormenorizada, o que pode ser dito sobre 1) os pontos de vista de uma e outra ou as perspectivas de abordagem, isto é, as formas de ver e de conceber o mundo humano e social, sua existência e funcionamento. Isto deve conduzir a um exame em detalhe das distintas correntes da Sociologia: clássica, compreensiva, organicista, humanista, materialista, entre outras. Do lado da terapia Comunitária, por sua vez, será preciso observar as direções do olhar para dentro e para fora do terapeuta comunitário, por um lado, e, por outro, as formas como estes olhares ou perspectivas confluem para criar uma ou mais visões da pessoa e a sua inserção e funcionamento na teia social e comunitária. 2) As ênfases causais ou explicativas, ou seja, as formas como são compreendidos os comportamentos individuais, grupais (comunitários e familiares), sociais, etc. 3) as inter-relações entre os diversos planos ou níveis da realidade: material, emocional, mental, psíquico, espiritual; 4) as concepções de mundo subjacentes a uma e à outra, como fundamentações das formas de ser, fazer, pensar e sentir.

Preliminarmente, vejamos algumas áreas do conhecimento social e da ação social, em que se entrecruzam a Terapia Comunitária, e a análise sociológica.

Mobilização social

Entendemos a mobilização social como um processo pelo qual as pessoas ultrapassam as fronteiras ou as delimitações dos seus grupos sociais de pertencimento. Neste sentido, mobilização social é igual a livre circulação e inserção de pessoas na sociedade como um todo, ou em alguma das suas sub-sociedades (famílias, bairros, comunidades, movimentos).

A Terapia Comunitária promove a mobilização social, juma vez que nela colaboram, lado a lado, pessoas humildes e doutores, estudantes e donas de casa, pessoas viciadas em drogas e crentes das igrejas mais variadas, com o objetivo comum de superarem juntos, os problemas mentais, emocionais e relacionais de todo ser

humano. Neste sentido, a Terapia comunitária age como um elemento de dissolução das barreiras que separam as pessoas em sub-grupos, freqüentemente pelo preconceito ou pela sub-cultura de classe, bloqueando as relações mútuas e o intercâmbio, aumentando as possibilidades de crescimento recíproco e a construção de uma sociedade enriquecida pelo acréscimo das diferenças próprias de cada pessoa e sub-grupo social

Talvez seja esta, a eliminação dos *pré-conceitos*, uma das interfaces mais evidentes e positivas da sociologia com a Terapia Comunitária. Émile Durkheim, um dos fundadores da sociologia, estabelecia como uma das regras do método sociológico, a eliminação sistemática de todas as pré-noções, ou seja, de todas as idéias-feitas que impedem o conhecimento dos outros e de si mesmo. Neste sentido, a Terapia Comunitária vai criando espaços de conhecimento e de inter-relacionamento, que estabelecem pontes de reconhecimento mútuo entre as pessoas, mais além dos elementos que poderiam as separar, como etnia, crença, classe social, aparência física, hábitos, etc. As pessoas se reconhecem umas às outras como gente, como seres humanos

Isto pode ser notado com clareza no desenrolar das rodas de terapia, nos cursos de cuidando do cuidador, nas vivências. Aos poucos, a pessoa vai percebendo o outro, não importa a sua aparência, a cor da sua pele, a sua condição econômica ou o nível educacional, como alguém que passa por experiências de vida nas quais pode se espelhar. Ao dizermos aqui que a Terapia Comunitária opera como um fator de mobilização social, queremos dizer que, as pessoas passam a se tratar, a se verem umas às outras, além dos recortes separativos da estratificação social. Neste sentido, há já uma indicação para a inclusão social. Nas rodas de terapia, os estudantes saíram do autismo universitário, da miragem de um saber sem gente, de um conhecimento sem experiência. E as pessoas do meio popular colaboram com o que tem de mais próprio, seus valores originais, a sua generosidade, simplicidade, solidariedade, entre outros. Um dos pilares da Terapia Comunitária, a pedagogia de Paulo Freire, afirma a autonomia dos sujeitos e a horizontalidade do saber. Isto é praticado a partir do momento em que você entra numa roda de terapia. Ninguém lhe pergunta sua profissão, embora você possa dizê-la. Mas quando alguém fala, os outros escutam. Todos e todas tem algo a dizer. Todas as histórias, os problemas, os sonhos, os anseios e ansiedades, são importantes. Ninguém dá conselhos nem interrompe quando os outros falam. Não há ninguém mais importante que os demais. Todos se tocam, se abraçam, se trocam olhares e palavras de carinho, de afeto, de apoio, de compreensão.

Como afirma Barreto (2008) na terapia comunitária, você se torna terapeuta de si mesmo. Não há a pretensão de que o terapeuta cure ninguém. É a comunidade que cura. A sua comunidade interna e a externa. A que você é em si mesmo ou em si mesma, e a que você forma, faz parte, fora de você, na sua relação com os demais.

Quebra-se a dependência, você pode, os outros podem, todos juntos podemos mais. E se isto possa soar como algo ilusório ou pueril, você pode testar, de várias formas, a sua veracidade. Uma, participando de uma ou mais rodas de terapia. Outra, ouvindo alguém que já participou ou participa. E, ainda, tomando conhecimento do impacto que esta atividade vem mostrando em diversos municípios do Brasil, na criação ou reforço de redes solidárias, estimulando o aumento da auto-estima de pessoas e comunidades, promovendo a reintegração de ex-dependentes de álcool ou outras drogas ilícitas, mobilizando coletivos das periferias urbanas e de nichos de classe média das

idades, que, aos poucos, mas evidentemente, começam a sair do imobilismo e da apatia, da resignação e da manipulação externa, para serem, cada vez mais, pessoas e comunidades, agentes ativos da sua vida e do seu destino.

Participação social

O tema da participação social há muito tempo tem transbordado os âmbitos acadêmicos e/ou tecnocráticos dos governos e entidades de pesquisa, para se tornar, cada vez mais, assunto do dia a dia, do cotidiano das pessoas e instituições. No caso concreto do Brasil, há já várias iniciativas que vem, como a Terapia Comunitária Integrativa de Adalberto Barreto, ganhando espaços na construção e reforço de laços sociais, agregando pessoas e comunidades, em sentido contrário ao produzido pelas tendências dissociadoras e anomizantes do mercado.

Na ética cotidiana de pessoas e comunidades, de gestores em saúde e ambientes acadêmicos e de mobilização social, as relações cada vez mais são permeadas por valores solidários, pela recuperação e fortalecimento das identidades pessoais e sociais, reforçando instituições e indivíduos numa marcha silenciosa mas eficiente. Se isto pode parecer idílico ou sonhador, não sabemos, mas o certo é que, pela base da sociedade brasileira, este e outros movimentos, como o da Teologia da Libertação e a Educação Popular de inspiração freireana, vêm ganhando espaço de forma animadora.

Os valores cotidianos, que pareciam entregues ao imediatismo e ao pragmatismo utilitário bem ao gosto do capitalismo diário, cedem espaço para o interesse pelo outro, pela ajuda mútua em várias modalidades. Isto permite conjecturar que, em não muitos anos, várias das lacunas de participação no Brasil possam estar fechadas ou em vias de fechamento. A educação em expansão em moldes integrativos, com programas como o da Universidade Aberta; o crescente interesse e participação de pessoas de todas as idades em atividades voluntárias de várias tonalidades e formatos, vão construindo, com outras iniciativas nos terrenos da arte e da cultura, da dança e da música, do artesanato, e da reciclagem de resíduos, uma perspectiva de coesão e de participação social impensável pouco tempo atrás.

O analfabetismo, a expulsão dos pequenos agricultores das terras nos interiores, o desemprego e o subemprego, a subremuneração e a exclusão social que em grande medida ainda prevalecem no País, cedem terreno, como dissemos, em escalas não pequenas, a estas ações concretas que pontuamos, visando a construção de um tecido social mais firme e unido.

Verdadeiramente os desafios são enormes, pois que, embora estes sinais apontados são alvissareiros, os obstáculos internos e externos não são de pequena monta. O que vale, neste contexto, é que a esperança que nos é possível vislumbrar neste momento, está longe de ser um devaneio ou um desideratum abstrato.

Ao contrário, se alimenta de inúmeras experiências vivenciadas tanto no Brasil, especialmente mas não exclusivamente na Paraíba e no Ceará, em ações pela base, em que nos foi possível construir este retrato esperançoso que, temos certeza, será ainda aprimorado pela colaboração de muitas e muitos pelo Brasil afora, nessa construção calada que marca as mudanças internas e externas que consolidam, dia a dia, a efetiva construção de um mundo melhor, feito de amor e de paz, de justiça e de respeito à

diversidade, no marco de uma humanidade uma e única, sem distinções de qualquer espécie, reintegrada à matriz cósmica de que vem e à qual pertence desde sempre pois que é o seu lugar.

Sabemos que muitas e muitos, em distintos lugares, somam suas ações e intenções, seu trabalho silencioso, melhorando a si e a outras pessoas com que convivem, de maneiras tão diversas que seria impossível enumerar, mas às quais nos referimos no começo destas linhas. São veredas alinhadas com o projeto de humanização do ser humano, de reintegração da humanidade ao cosmos, às matrizes primordiais que dormem no interior de cada pessoa e de tudo que existe, uma vez que tudo é oriundo do mesmo lugar e a ele retorna após os ciclos individuais das pessoas, das espécies, dos povos, das civilizações, das nações.

A Terapia Comunitária, entre outras coisas, talvez a mais importante, restitui a identidade da pessoa, melhor dizendo, você se reencontra na Terapia. Volta a si mesmo ou a si mesma. Retorna ao que você sempre foi. O que é muito.

Paulo Freire (2002) e a sua pedagogia libertadora, desfazem as estruturas alienantes do saber privatizado, empossando pessoas de todas as idades e condições sociais, quebrando o síndrome da miséria psíquica, e tantas mazelas como o consumismo, a passividade, a resignação, a omissão.

Você se descobre poderoso, capaz, vencedor de tantas batalhas que venceu ao longo da sua vida. E ao seu redor, outras tantas pessoas que, como você, fizeram o caminho de volta. Gente que deixou a bebida, as drogas, a depressão, a solidão, para se juntar a outros e a outras, numa caminhada infinita de ajuda mútua e de construção coletiva de melhores condições de vida para todas e todos.

Cada um, leitor ou leitora, poderá acrescentar da sua própria experiência, ações de que participa ou das que tem conhecimento, em que a esperança viva se faz verdade, de modos simples mas efetivos. Por isto, podemos dizer, como o poeta, alguma palavra que nos anime a seguir nesta trajetória, confiando que a herança de que somos depositários e depositárias, nos torna capazes de seguir vencendo, em direção a um horizonte que cada vez está mais perto.

Inclusão social

Nos dias de hoje, muito se ouve falar sobre inclusão social. Para quem, como eu, tem estudado a marginalidade social desde pontos de vista sociológicos, o conceito de inclusão social remete a uma integração de setores marginalizados no quadro da estrutura social vigente. No contexto destas breves reflexões que hoje quero partilhar com vocês, a inclusão social tem um aspecto de integração da personalidade e integração na sociedade. Nas rodas da terapia comunitária, que é chamada de integrativa, as pessoas passam a perceber a unidade das suas vidas, o fio condutor que costura, unificando, os fatos primeiros e derradeiros das suas vidas.

Isto ocorre de várias formas. A história pessoal de cada um e de cada uma vem a tona, e se emparenta com as histórias de vida dos outros presentes. A saída da roça ou da cidade pequena para a grande cidade, para a periferia urbana, com a conseqüente

sensação de perda de identidade, soa sentimentos comuns aos migrantes no Brasil e em qualquer parte do mundo. Mudam os costumes, deixo de ser alguém inserido numa trama de relações habituais, para passar a ser algo estranho, um desenraizado, uma alma penada, como diz Adalberto Barreto (2011) em “As dores da alma dos excluídos no Brasil”.

Quando passo a fazer parte da roda da terapia, começa a se costurar a minha própria história, ela ganha coerência e consistência. Já não sou mais um João ninguém. Outros pronunciam meu nome uma vez à semana, ao menos. São lembrados aos aniversários, canta-se e dança-se juntos. Muitas donas de casa que não saíam de casa, vêem outras pessoas, sorriem, encontram um sentido maior no seu viver, do que meramente atenderem marido e filhos que, muitas vezes tem suas próprias vidas à margem delas. Aposentados que apenas viviam à espera da morte, recuperam a alegria de viver, brincam, contam chistes, dançam nas rodas e entoam orações com crianças, com jovens, com estudantes e doutores da universidade e técnicos em saúde, agentes comunitários, etc. A integração funciona para todos, para os de baixo e os do meio, na verdade, uns e outros geram uma mandala giratória, em que ninguém sabe quem é o outro. Apenas um igual, alguém que como eu se perdeu ou se perde ainda, e se reencontra.

Assim, a inclusão funciona para dentro e para fora da pessoa. Eu me incluo na medida em que me sinto incluído numa história comum, numa fala comum em que me reconheço. Neste sentido, inclusão e integração, funcionam quase como sinônimos. Os estudantes e doutores, médicos e professores, por sua vez, quebram a barreira do isolamento que a educação superior produz com frequência, e se redescobrem gente, apenas gente. Nestas rodas, se processam momentos de encontro das pessoas consigo mesmas, motivo pelo qual pode se dizer, como conclusão destas breves considerações, que a terapia comunitária é uma ferramenta de inclusão social.

A recuperação da pessoa humana: des-alienação, autoconhecimento

Des-alienação significa, aqui, o retorno da pessoa ao seu ser original, o abandono de imagens falsas ou equivocadas a respeito de si mesma, vir a se conhecer da forma como cada um de nós é. Isto acontece no processo de autoconhecimento que começa a se verificar a partir do momento em que a pessoa começa a se integrar nas rodas da Terapia Comunitária, e, de maneira ainda mais forte e evidente, no processo de se tornar um terapeuta comunitário.

No processo formativo (que começa, mas não termina no curso de formação), a pessoa se defronta com o que ela pensava que era, as idéias prévias que tinha a respeito de si mesma, o que ela tinha internalizado como pensamentos e sentimentos sobre ela mesma. Estes preconceitos são o que podemos chamar de “inimigo interno”, as noções equivocadas sobre nós mesmos, que nos dizem constantemente: você não pode, você não vale nada, você está só, nunca foi amado, não tem futuro, etc. Esse diálogo interno negativo começa a ser mudado por uma percepção correta da pessoa sobre o que ela é, o que ela pode, qual foi a sua história, quais os seus valores fundamentais, qual o seu projeto de vida, qual a sua identidade, o seu valor (WATTS, 1950?, FREIRE, 1987; HAY, 1993, BRANDEN, 1995).

Neste processo de autoapoiio contínua, você vai se ressignificando e ressignificando o seu passado, o seu modo de ser e de se relacionar com os demais, as suas metas e objetivos, a sua razão de ser e de viver. Isto   o que chamo aqui de desaliena o. Este processo tem formas específicas de acontecer no processo formativo. Você   levado a se ver como alguém que   o que  , ou alguém que   o que os outros querem que você seja. O processo da pessoa vir a saber o que ela  , quem ela  ,   gradativo e aproximativo, nunca totalmente concluido. O que posso afirmar aqui com certeza,   que nas rodas da terapia Comunitária, no processo de vir a se tornar um terapeuta comunitário, você   posto cara a cara com o que você  , com quem você  , com a pessoa de verdade que   você. Obviamente, isto ocorre se você   alguém que leva você mesmo a sério, ou seja, se de verdade, você   alguém que quer saber quem  , e não alguém que vive fazendo de conta, tentando agradar ou tentando cumprir papéis que lhe foram atribuidos ou que se auto-atribuiu. A Terapia Comunitária cria as condi es para este reencontro profundo.

Vamos tecer agora algumas considera es sobre o auto-conhecimento, neste processo de auto-descoberta do ser autêntico que  , no meu ponto de vista, a maior convergência dos ideais libertários da sociologia, a sua meta emancipatória, e a Terapia Comunitária como re-cria o da matriz livre e autêntica da existência humana.

O autoconhecimento tem sido visto, em parte corretamente, como uma atividade essencialmente solitária. Na medida em que somos seres sociais, no entanto, isto   verdade apenas de um lado, desde uma perspectiva, a perspectiva interna, presente em todas as intera es sociais. Saber quem sou   uma preocupa o e interesse dos mais genuinos da pessoa humana, e acompanha os primeiros passos do despertar da consciência de cada um de nós.

Percebermos-nos vivos, existindo, respirando, tendo sensa es e sentimentos, um corpo que se move, com desejos, passado, ambi es ou expectativas, esperanças e decep es. Isto tudo desperta a natural curiosidade por virmos a saber quem   esse ser que cada um  . Aqui quero me referir a este processo de vir a sabermos quem somos, quem de verdade somos, sem máscaras nem dissimula es, sem equívocos nem enganos, no processo da pessoa que se integra nas rodas da terapia comunitária.

Este processo começa a rodar a partir da hora em que você entra nas rodas da terapia comunitária, seja como curioso, como usuário, ou bem como membro formador nos encontros, nas vivências, nos congressos, nas reuniões de pesquisa, ou nas trocas que ocorrem em cada lugar em que se encontram pessoas com o objetivo de se tornar mais quem elas são, autênticamente, o que supõe um resgate da criança interior, do menino ou da menina que fui, que você foi, que todos fomos e de alguma forma somos ainda e continuaremos a ser.

Uma das premissas básicas deste processo de reencontro interior, de voltar a si mesmo ou a si mesma,   saber o que quero, o que sou, o que vou sendo e o que tenho sido ao longo da vida, e como isto tem ido mudando meu modo de ser, minhas aspira es, frequentemente me distanciando do que de verdade sou, do meu ser verdadeiro e genuino. *“Eu sou quem eu sou, e não quem os outros querem que eu seja”*, escutamos uma e outra vez. *“Eu não apenas tenho sofrido, mas tenho crescido com as minhas dores”*. Isto alude aos processos de socializa o primária e secundária, em que a pessoa vai adquirindo habilidades e se inserindo em papéis sociais, para desempenho de

funções, muitas vezes em conflito com as suas vontades ou desejos. A recuperação da identidade que se processa na Terapia Comunitária, tem a ver com o resgate da criança interior, com o ser genuíno da pessoa humana.

Ninguém nasceu para sofrer, mas todos podem crescer, e de fato crescemos, com a dor. Para chegar a ser quem sou hoje, tive que vencer muitos desafios. Nas rodas da terapia comunitária, percebo, todos percebemos, que *não somos os únicos*, que o vizinho e a vizinha passaram por experiências de triunfo, de luta e de dor como as minhas. Isto tem um potencial libertador acima de qualquer expectativa, uma vez que reinsere, por este expediente tão simples, você na trama da existência humana e social.

Conclusões

Temos visto neste escrito, algumas das convergências centrais que podem ser encontradas entre a Sociologia e a Terapia Comunitária. Em algum sentido, pode ser dito - e a análise aqui apresentada caminha nessa direção - que a Sociologia enquanto ferramenta de recuperação da pessoa humana e a Terapia Comunitária enquanto metodologia de diminuição do sofrimento mental que se concretiza no regresso do indivíduo a si mesmo e para si mesmo, coincidem totalmente. A finalidade é a mesma: a recuperação do ser humano de si mesmo para si mesmo, na recriação de um útero social primitivo na sociedade atual, o que redundará num constante fortalecimento de laços dos indivíduos consigo mesmos e com a sua história de vida, com a sua memória, com as suas origens, na reformulação de projetos de vida construtivos e positivos, rumo a uma forma de ser, de viver, de fazer, pensar e sentir, condizentes com a essência humana, isto é: uma unidade na diversidade, um respeito às diferenças, onde o que nos distingue uns dos outros, é fonte de enriquecimento e completamento recíproco e constante.

Pode se dizer, a título de conclusão provisória e parcial, que a Sociologia e a Terapia Comunitária são dois braços com que a humanidade atual se traz de volta a si mesma, de si mesma, para si mesma, num esforço de reconstrução da vida sobre novas bases, ou melhor, sobre bases antigas, primordiais, resgatadas e ressignificadas nos dias de hoje, em direção a um futuro de integração positiva das diferenças, de mútuo estímulo construtivo das oposições, onde o próximo que de cada um de nós difere, é visto como um colaborador no destino comum.

REFERENCIAS

BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária passo a passo**. 2 ed. Fortaleza: LCR, 2008.

_____. **As dores da alma dos excluídos no Brasil**. Disponível em: <http://www.consciencia.net/as-dores-da-alma-dos-excluidos-no-brasil-%E2%80%93-por-adalberto-barreto/> Acesso em: 6 mar 2011.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto - estima: como aprender a gostar de si mesmo**. São Paulo: Saraiva, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 26. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. 128 p.

DURKHEIM, E.. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Ed. Abril, 1983. 245 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 26ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 158 p.

_____. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GURVITCH, Georges. **Dialética e sociologia**. São Paulo: Vértice-Editora Revista dos Tribunais, 1987. 122 p.

HAY, Louise L. Modificando o diálogo interior. In: Coleção Pensamentos e Textos. A Essência da Meditação. São Paulo: Martin Claret, 2002.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 230 p.

LAZARTE, Rolando. La terapia comunitaria y la recuperación de la persona humana. **Revista La Nave**, Mendoza/Argentina, n. 3, 2011. p 34 – 35.

MARX, K, ENGELS, F. **A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach**. 5ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. 138 p.

MARX, K. **Para a crítica da Economia Política**, in Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. (São Paulo: Abril Cultural, 1978) 2ª. ed.

_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel** (São Paulo: Boitempo, 2010)

_____. **Sobre a questão judaica**. (São Paulo: Boitempo, 2010)

WATTS, Allan. **Tabu: o que não deixa você saber quem você é**. n. 53. Ed. Especial de Revista Planeta, [1950?].

WEBER, M. **A ética protestante e o Espírito do Capitalismo** (São Paulo: Pioneira) 2005.

_____. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva: v.1** São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.